

# Fatos & Fotos

BRASÍLIA, 31 DE DEZEMBRO DE 1966 — ANO VI — N.º 309

Cr\$ 700

## PORQUE O FLAMENGO PERDEU



## AS CEIAS DO FIM DE ANO

SERVICO FF

## COMO SE DEFENDER DAS CHUVAS

Maria Lúcia Dahl O NATAL DO SUCESSO





Tostão foi o grande revelação do futebol brasileiro. Seu estilo de jogo o credencia a ser o herdeiro natural do trono de Pelé.

# 1966

## O ANO DOS ÍDOLOS JOVENS

Texto de VANIO COELHO

Pesquisas de HEDYL VALLE JUNIOR, JOSÉ LAGO, PAULO GALANTE e JORGE AGUIAR

Mil novecentos e sessenta e seis foi o grande ano da música popular brasileira. Dois compositores, Chico Buarque e Geraldo Vandré, estoquearam nas paradas de sucesso, enquanto, no setor *yé-yé*, Ronnie Von lançava as bases para se tornar, em futuro próximo, um *môvo rei*. Enquanto isso surgiram no idólos através da televisão (Carlos Alberto e Ioná Magalhães na telenovela; Guto, um fenômeno infantil), do rádio, dos discos e dos festivais, o esporte nacional se recuperava da derrota em campos da Inglaterra. Surgiu Tostão no futebol, a dupla Mandarino—Koch no tênis, Norman Casari no automobilismo e Albertinho Barroso no turfe. No exterior, a jovem atriz e modelo Duda Cavalcanti ganhou o estrelato num abrir e fechar de olhos. O ano se encerrou, assim, com um saldo positivo, e promete uma arrancada maior ainda para 1967.

### Federico Aldama ídolo número 1

A TELEVISÃO TORNOU-SE uma verdadeira fábrica de mitos, criando ídolos do dia para a noite, através das telenovelas. E assim como no ano anterior apareceu o Doutor Albertinho Linsona, vivido pelo ator Amilton Fernandes, 1966 seria o ano mais disputado, dramatizado e cheio de homens fortes, nobres e de cara quase sempre agradável às mulheres. O mito mais rigoroso e mais comentado foi o de Federico Aldama, vivido por um ator tímido e correto, um tanto ao contrário do personagem. Carlos Alberto de

Souza, ex-professor de línguas nos Estados Unidos e funcionário público no Rio, viu-se, de repente, envolvido num êxito com o qual jamais contara, nem mesmo à época em que se entregava a representações mais sérias, no cinema ou no teatro. E se a novela *Eu Conquero Esta Mulher* não repetiu o êxito de *O Direito de Nascer*, foi um dos assuntos mais discutidos do ano, fruto publicitário de poderosa organização de televisão, rádio e jornal. Mas outros buscaram também a popularidade de Federico Aldama, como *O Sirenik de Agadir* (vivido por Henrique Martins), ou *O Rei dos Ciganos* (interpretado por Carlos Alberto). Assim, o grande mito da televisão, na realidade, é o personagem Federico Aldama, e não o ator, o que se prova agora, quando Carlos Alberto não repete, nem na tevê nem no teatro, o êxito antigo. O mesmo pode-se dizer de Ioná Magalhães, uma bela mulher, alta, morena, magra e de uma voz profunda e cativante, agora muito em evidência no teatro e na televisão.

### Tostão vale 400 milhões

QUANDO EMISSÁRIOS DO SANTOS foram a Belo Horizonte propor a compra do jogador Eduardo Gonçalves Andrade, ninguém do Cruzeiro soube informar alguma coisa. Mas quando se esclareceu que o jogador visado também era conhecido como Tostão, o presidente do clube deu uma resposta que foi manchete nos jornais: "Só admitimos uma hipótese — trocar Tostão por Pelé, pau



Carlos Alberto e Ioná Magalhães se revelaram como a grande dupla romântica da televisão. Ele se transformou no mais popular astro de telenovelas.

1966

## A música popular brasileira entrou em disparada no mercado internacional

a pau." Na verdade, a convocação do jogador mineiro ao selecionado que iria disputar o mundial de futebol teria sido apenas uma homenagem, um tanto tímida, ao futebol fora do eixo Rio—São Paulo. Mas o jogador saiu-se bem durante os treinos preliminares, foi sobrevivendo aos cortes progressivos e acabou embarcando para Londres. Se o Brasil não faz boa figura, o mesmo não se pode dizer do jovem jogador, que tem apenas 20 anos. Eis a descrição de sua chegada a Belo Horizonte, após o recesso do selecionado, segundo um repórter: "Em meio a uma verdadeira carnaval, que se iniciou no aeroporto de Pampulha e se estendeu à sede do Cruzeiro, Tostão foi recebido por milhares de pessoas, que o saudaram com fogos, serpentinas, confetes, charangas e escola de samba." Mas a história de Tostão não para aí. Nem do Cruzeiro, que mostrou-se um time de primeira. Tanto que hoje é o campeão da Taça Brasil. O passe de Tostão é cotado em mais de 400 milhões de cruzeiros.

Em São Paulo outro mito surge: Toni-nho, o Quixalva de Vila Belmiro, quebra a invencibilidade de Pelé, que foi durante nove anos o artilheiro paulista. Como, no Rio, Paulo Borges (Gizela Negra, devido à espantosa velocidade) sagra-se o artilheiro do campeonato carioca, jogando como striker, sem posição na linha, mas sempre com o mesmo objetivo, o gol, mais fácil para ele que para quase todos os demais. Seu time, o Bangu, é o campeão carioca de 1966.

### Notos papas da música popular

APENAS DUAS MÚSICAS bastariam para definir o ano de 1966 como excelente: *A Banda* e *Disparada*. Ambas surgiram num mesmo festival. Projetaram dois compositores de muito valor — Chico Buarque de Hollanda e Geraldo Vandré, que eram pouco conhecidos. E possibilitaram, ainda, a revelação de Jair Rodrigues — até então um cantor emigrado — como o melhor cantor do ano, e o ressurgimento de Nara Leão, que estava sendo levada ao desquite desde o rompimento com a turma da bossa nova.

Embora nascido no Rio, Chico foi levado em criança para São Paulo, tendo recebido uma formação essencialmente urbana, mas pela qual não se deixou dominar. Exemplo disso é a universalidade de suas músicas. Já com oito anos experimentava compor modinhas de carnaval. Admirador de Jolo Gilberto, dele recebeu grande apoio, principalmente pela aproximação da irmã, Heloísa, hoje mulher do maior papa da bossa nova. Nos festivais de bossa nova, realizados no meio estudantil — notadamente na Mackenzie, onde Chico estudava Arquitetura —, começou a desenvolver uma pureza musical, projetada através do poema de Jolo Cabral de Melo Neto (*Morte e Vida Severina*), simultaneamente com músicas como *Problema*, *Problema*, *Olé, Olé, Olé* e *Marcha por um Dia de Sol*. Tem 22 anos e, depois de *A Banda* (vertdia até para o esperanto), já foi comparado a Noel Rosa e, inclusive, a Exuperí. (D. Marcos Barbosa afirma que *A Banda* é o lirico e *Inglês* amoe de O Fugitivo Príncipe, em música).

Vandré, um parafuso de 31 anos, é campeoníssimo de festivais. Com *Porta-Es-*

tandarte ganhou um berlimbuz de ouro; com *Disparada*, uma viola de ouro; com *O Cavaleiro*, um pequeno galo, também de ouro. Foi a letra de *Disparada* (a música é de Theo, outro valor jovem) em apenas uma hora, mas considera-a o amadurecimento demorado de uma idéia central, colhida no folclore de sua terra. Com ele apareceram a cantora e também compositora Tucia,

### A transformação de Ronnie Von

A DUPLA MAGALDI—MAIA, que criou e alimentou o mito Roberto Carlos, resolveu fazer um novo lançamento. Depois do sucesso fulminante da *Brasil*, que conseguiu empolgar toda uma geração de jovens, havia campo para lançar um novo ídolo, com estilo novo. Foi assim que a dupla descobriu um carioca que, em estilo *bl-bl*, cantara músicas barbaças. Mas precisava mudar muita coisa. Ronaldo Nogueira era estudante em curso de aeronáutica; desistiu. O pai, presidente de autarquia, não procurou influir. Os olhos azuis, o rosto triste pareciam combinar com cabelos longos; não os cortou mais. Passou a assinar Ronnie Von, a esposa passou a ser "a irmã". Com apenas 22 anos, um físico bom para cantor de *bl-bl*, Ronnie veio mostrar seu talento, constituindo-se na maior revelação musical no setor da música jovem.

### Guto pós açúcar no bôlo do pai

COMENTA-SE, MALDOSAMENTE, que um diretor de tevê convidou Moacyr Franco para apresentar-se em seu canal, com o filho Guto. Mas como o garoto estava doente, não podendo comparecer, o diretor cancelou o convite. "Sem o Guto, não", teria respondido. Mas Moacyr Franco não ficou para isso. Disse, depois: "Guto começou por brincadeira e gostou. No momento que pensar em desistir, não impedirei." Mas Guto não quer desistir. Ao contrário, sem querer passar por menino prodígio ou genial, o garoto, de sete anos, divertiu-se a valer no programa do pai. Bando, falando ou tentando falar sério, Guto não passa de uma criança simpática e viva, de quem todos gostam logo de início.

Considerando-se que o bazarão do programa (20 horas) é destinado por crianças (estudos especializados já provaram que são as crianças que escolhem a maioria dos programas que os pais vêem), a dupla Moacyr Franco-Guto é, no momento, a que recebe maior audiência. Mas seu programa não é o único famoso. De São Paulo transmite-se para todo o país, em gravação, um programa feito com muito cuidado, dirigido por Hebe Camargo, criando séria rivalidade para outros como *Clarinela* (este é um fenômeno: há seis anos ocupa o primeiro lugar de audiência, às quartas-feiras) e *Darcy Gonçalves*. Mas isso não tira de Guto o mito de mais simpático apresentador de tevê, neste ano.

### Duda de arrastão em toda a Europa

DUDA CAVALCANTI RECEBE na Europa a consagração que toda artista brasileira deseja e não consegue: ocupar páginas



Geraldo Vandré (*Disparada*) e Chico Buarque



Ronnie Von manteve oceso o entusiasmo pela música jovem brasileira.



Guto passou a ser atração no programa de seu pai, Moacyr Franco

UA Banda! empotaram no Festival da Canção. Depois cresceram muito.

1966

**A mulher brasileira triunfou no exterior e recordes esportivos foram quebrados**

e páginas de revistas e jornais na França, na Alemanha, na Itália. E, além disso, seu único filme — *Arrastão*, feito em Cabo Frio por Antoine D'Ormesson — continua indelével. Eis como um jornalista, Azalio da Covallana, a definiu: "Se 1965 marcou o lançamento de uma estrela mundialmente conhecida, Ursula Andress, 1966 é de Raquel Welch, que antecede destronar Ursula, em 1967 serenos Dada Cavalcanti, uma estrela muito perigosa para aquelas que pensam estar já estabelecidas."

Mascara, de um corpo admirável, ela possui um olhar de uma nobreza extraordinária, dominado por dois olhos castanhos cujas sombras refletem uma vida interior muito rica. Durante o Festival de Cannes, Dada foi entrevistada durante 20 minutos por Martine Carol, num programa de televisão de uma hora, dedicado ao vigésimo aniversário desse festival. Owen Welles fez questão de posar a seu lado. Dada chega a afirmar-se indecisa sobre qual dos muitos convites para filmar ela deve aceitar. Antes, para fotografá-la de lúquini bastava ir-se à Lagoa Rodrigo de Freitas, onde morava com os pais. Hoje, para colher uma foto sua, as agências de notícias pedem quantias enormes. Tudo isso começou quando D'Ormesson foi buscá-la em São Paulo, onde era maçoquinha, para atuar no filme feito de parceria com Vinícius de Moraes. A ex-parita do *Castelinho 6*, no momento, a brasileira mais conhecida na Europa.

**Carcará voou para o recorde**

DESDE QUE A INDÚSTRIA automobilística implantou-se no Brasil, há dez anos, os corredores nacionais viam como realizável o sonho de, paralelamente, promover grandes corridas. E o primeiro autódromo de classe internacional foi construído em São Paulo, sede da infraestrutura da nova indústria. Foi em Interlagos que se criou um mito nacional de corredor. Mas foi no Rio, onde um carro correu sozinho, que se demonstrou a primeira liderança sul-americana. A corrida foi em linha reta, o carro o Carcará, da Venag, e o piloto recordeista, com 213 km/h, foi Norman Casari, campeão carioca de 1966. Hoje, membro ativo da equipe de Maltoni (o homem que constrói as carroças do Onça, do Carcará, do Uirapuru, do Puma e de outros), Casari é, também, o recordeista brasileiro de velocidade em motocicleta. Outros, no entanto, ocupam lugar de destaque entre os pilotos de prova e de corridas do Brasil. Piero Garcia, campeão brasileiro, Rind Clemente, Wilson Fitzpaldi e Luiz Pereira Bueno desfilam numa galeria honrosa, num setor desportivo que, há 11 anos, nenhum brasileiro ousava pensar. E se o Brasil não possui ainda um Memorial Day Race (Indianápolis), e não participa das calendários internacionais, vai crescer de a fama de competições como a Mil Milhas, a Vinte e Quatro Horas de Interlagos.

**Barroso corre a paga sempre**

O APOSTADOR QUE ACOMPANHOU este ano as corridas no hipódromo paulista não teve muita dificuldade para escolher o cavalo em que apostar. Era só

saber em que animal iria montar o jóquei Albenzio Barroso, para ter uma boa chance de ganhar. Com efeito, Barroso liderou todas as estatísticas desta temporada, assinando mais de 130 vitórias e derrubando a marca de 118 vitórias, em poder do jóquei Pierre Var desde 1958. Com isso, o corredor carioca levantou quase 350 milhões de cruzados em prêmios e cambaê rapidamente em direção à fortuna. E o mais procurado na Cidade Jardim (São Paulo) pelos proprietários, montando uma média de 15 cavalos por semana. Com 24 anos de idade, já sofreu inúmeras fraturas, pelo seu arrojado nas pistas. Teve um cavalo que foi decisivo para sua carreira: El Asteróide, com quem alcançou as vitórias que lhe valeram os primeiros sucessos na carreira. Superando nesta temporada até mesmo o grande Luiz Rigoni, Albenzio Barroso é a grande revelação dos hipódromos em 1966. Com o segundo lugar assegurado, Luiz Rigoni, jóquei catariense que começou montando com cartaz no Paraná, conseguiu em 1952 o recorde de 182 vitórias numa temporada, o que continua inédito no Rio. E exatamente como Rigoni, o outro grande freio brasileiro, Antônio Ricardo, é catariense. Já disputou uma prova nos Estados Unidos, montando o cavalo brasileiro Fêlix, no Hipódromo de Laurel. Atualmente na Gávea (Rio), Ricardo não encontra dificuldade em conseguir boas montarias. Com Barroso e Rigoni, Ricardo forma a primeira linha do tufé brasileiro.

**Bons no tênis são os gaúchos**

A TAÇA DAVIS, desde sua criação, em 1900, teve praticamente quatro "donos". Idealizada por dois universitários de Harvard, para aproximar Estados Unidos e Inglaterra, apenas 12 vezes não foi disputada, nesses 66 anos. Mas as vitórias couberam sempre aos Estados Unidos e Inglaterra (30 vezes), Austrália (18 vezes) e França (6 vezes). Por isso, quando o Brasil classificou-se campeão da zona europeia (venceu seguidamente o Sul-América, a Dinamarca, a Espanha, a França e a Polónia), todos consideraram que os Estados Unidos (24 vezes finalistas, 19 vitórias) é que iriam enfrentar a Índia, campeã da zona asiática. Mas os americanos, e com eles toda a imprensa mundial, subestimaram uma dupla de gaúchos — Thomas Koch e Edson Mandarino. Numa sensacional reviravolta, a dupla brasileira encontrou-se para suprir as deficiências das individuais, detendo o mesmo íntimo surpebo. Embora não tenhamos sido felizes com a Índia, campeã da Taça em 1966, o torneio veio comprovar as qualidades de Thomas Koch (vice-campeão brasileiro de 1961 a 1965, o melhor juvenil de 1964, venceu 11 campeonatos neste ano e foi finalista em 27 e semifinalista em 11). Não tão hábil nas individuais, mas superior nas duplas, Edson Mandarino, outro gaúcho (de Jaguarão), é campeoníssimo: vencedor do Infantil em Buenos Aires, foi campeão juvenil com 16 e 17 anos. Com Koch, é atualmente campeão sul-americano. Americano, europeu e interzona Europa-América, além de vice-mundial.



Dada Cavalcanti saiu de Ipanema pa os

capos das revistas europeias. Lá, fatura alto como modelo e atriz.



Norman Casari bateu o recorde sul-americano de velocidade no Carcará.



Albenzio Barroso liderou todas as estatísticas da temporada de 1966.



Edson Mandarino e Thomas Koch realizaram um feito extraordinário para o tênis brasileiro — chegaram a vice-campeões mundiais.